



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda

VICTOR IMPERATRIZ DE ANDRADE

**RELEITURAS FOTOGRÁFICAS DOS ARCANOS MAIORES
DO TARÔ**

Brasília – DF

2014

VICTOR IMPERATRIZ DE ANDRADE

**RELEITURAS FOTOGRÁFICAS DOS ARCANOS MAIORES
DO TARÔ**

Produto apresentado ao Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social.

Professora Orientadora: Gabriela Freitas

Brasília – DF

2014

VICTOR IMPERATRIZ DE ANDRADE

**RELEITURAS FOTOGRÁFICAS DOS ARCANOS MAIORES
DO TARÔ**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília do aluno

Victor Imperatriz de Andrade

Gabriela Freitas
Professora-Orientadora

Selma Oliveira
Professora-Examinadora

Marcelo Feijó
Professor-Examinador

Edmundo Brandão
Suplente

Brasília, 18 de junho de 2014.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e principalmente, agradeço à minha orientadora, Gabriela Freitas. Mais que minha professora, ao longo deste semestre você se tornou minha amiga, psicóloga e até mãe, de certa forma. Obrigado por tornar este trabalho possível, por acreditar em mim e me fazer dar tudo de mim para criar um trabalho de qualidade.

Agradeço à minha família, que até hoje não entende muito bem o porquê deste trabalho, mas mesmo assim me ajudou e apoiou sempre. Fabiana Imperatriz, Carlos Eduardo Lima, Daniele Imperatriz, Ricardo Imperatriz, Rafael Imperatriz, Lucas Dias, Bruno Henrique Melo, que me ajudaram na produção.

Agradecimento especial para Anna Bárbara Neves, por ter paciência comigo e estar ao meu lado até hoje.

Agradeço também aos amigos e modelos, que me emprestaram suas imagens pessoais para a criação dos arquétipos do Tarô: Eduardo “Capeta” Brígido (Papa), Gustavo e Luana Leles (apóstolos do Papa), Guilherme Faria (Eremita e Diabo), Aline Marques (Força), Matheus Mendes e Rafel “Roça” Nepomuceno (Morte), Daniela de Carvalho (Temperança), Bruna e Wellington (lacaio do Diabo), Patrick e Beatriz (Torre), Anaeli Betarello (Estrela), Isadora Ribeiro (Mundo). Um muito obrigado a todos vocês que dedicaram um pouco do seu tempo para me ajudar sem pedir nada em troca. Este trabalho não seria possível sem vocês.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma releitura dos vinte e dois Arcanos Maiores do Tarô de Marselha. A partir dos trunfos originais, o baralho foi recriado usando fotografias e ilustrações à mão com temas contemporâneos relacionados à minha experiência pessoal com o Tarô. Buscando preservar o significado original das cartas, o baralho recriado busca inserir o EU na história original das cartas, dando-a um tom mais moderno e pessoal, sem perder o sentido mais amplo.

Palavras-chave: Tarô. Marselha. Fotografia. Ilustração. Releitura. Arcanos Maiores.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
1.1	Justificativa.....	10
1.2	Metodologia.....	11
1.3	Layout da Carta.....	13
2	AS CARTAS	15
2.1	O Louco – 0.....	15
2.2	O Mago – 1.....	17
2.3	A Papisa – 2.....	18
2.4	A Imperatriz – 3.....	20
2.5	O Imperador – 4.....	21
2.6	O Papa – 5.....	23
2.7	Os Enamorados – 6.....	24
2.8	O Carro – 7.....	26
2.9	A Justiça – 8.....	27
2.10	O Eremita – 9.....	28
2.11	A Roda da Fortuna – 10.....	299
2.12	A Força – 11.....	30
2.13	O Enforcado – 12.....	31
2.14	A Morte – 13.....	32
2.15	A Temperança – 14.....	33
2.16	O Diabo – 15.....	34
2.17	A Torre – 16.....	35
2.18	A Estrela – 17.....	36
2.19	A Lua – 18.....	37
2.20	O Sol – 19.....	38
2.21	O Julgamento – 20.....	39
2.22	O Mundo – 21.....	40
3	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	43
	ANEXOS.....	44

1 INTRODUÇÃO

O Tarô é um baralho de cartas de origem desconhecida. Existem inúmeras versões, de lugares, épocas e origens variadas, como o Tarô de Marselha, Raider-Waite, Jacques Viéville, Zen de Osho, entre vários outros. Os mais antigos possuem, pelo menos, 600 anos de existência. O Tarô é o antepassado do baralho de jogar que conhecemos hoje, porém composto de mais cartas. O baralho de Tarô possui quatro sequências de cartas numeradas de um a dez, mais quatro cartas “da côrte” (valete, rainha, rei e cavaleiro), uma sequência de cada naipe (bastões, taças, espadas e moedas). Atualmente os baralhos seguem essa mesma lógica, os naipes mudaram de nome e o cavaleiro sumiu misteriosamente, porém a essência é a mesma.

Além das cartas normais, o Tarô possui ainda 22 trunfos, os Arcanos Maiores do baralho, que não pertencem a nenhum naipe. São numerados de 0 a 21 e cada um possui um nome próprio (O Louco, A Morte, A Lua, Os Enamorados, etc.). Destas cartas, a única remanescente nos baralhos modernos é o Coringa, que é um descendente direto do trunfo número zero, O Louco. Mesmo sendo um baralho antigo, o Tarô é, ainda hoje, usado para jogos, cartomancia e auto-conhecimento em todo o mundo. O motivo disso é o fato dos significados atribuídos aos Arcanos Maiores estarem muito relacionados aos arquétipos, figuras do inconsciente coletivo com as quais qualquer ser humano pode se identificar e se relacionar, de forma consciente e inconsciente.

Segundo Edgar Morin, em sua obra *O Método IV* (1991), a antroposfera, ou seja, a parte da biosfera ocupada pelos seres humanos, é dividida em três esferas que se completam e se parasitam mutuamente: a psicofera, a sociosfera e a noosfera. A psicofera é a esfera dos pensamentos de cada indivíduo e ela é acessível somente para ele. Já a sociosfera pode ser entendida como o âmbito da sociedade, do mundo real onde os humanos habitam, o mundo palpável, biológico. A noosfera, por sua vez, seria o reino do espírito, dos deuses, das idéias e dos mitos, seria um mundo criado pelo homem ao longo dos séculos, mas que não mais pertence ao homem. Nesse reino habitam coisas imateriais, mas que não só existem como moldam o mundo real, são idéias, filosofias, ideologias, religiões, fantasmas e espíritos, são tudo aquilo que foi criado na psicofera mas que saiu e ganhou vida própria, passou a fazer parte da noosfera que abrange todos os seres humanos, ou seja, passou a fazer parte do **inconsciente coletivo**.

O inconsciente coletivo é um termo introduzido por Carl G. Jung que pode ser entendido como a camada mais profunda da psique, uma grande estrutura de arquétipos cuja influência vai além da psique humana. Os arquétipos são habitantes dessa dimensão e, conseqüentemente, habitantes da noosfera. Sua atualização se dá no âmbito da sociosfera, de acordo com mudanças culturais, e da psicofera, segundo experiências e vivências pessoais que moldam os processos interpretativos dos estímulos recebidos. Cada ser humano tem uma percepção e uma interpretação diferente dos arquétipos; porém, de uma forma ou de outra, eles estão presentes em todos nós. Os personagens presentes no tarô são arquetípicos, ou seja, fazem parte do consciente e do inconsciente de todos os seres humanos. Isso faz com que um baralho com mais de 6 séculos de idade esteja ainda hoje presente nas mais variadas sociedades. Assim, o ser humano automaticamente se identifica de alguma forma com os personagens e histórias trazidas pelo Tarô. A interpretação individual de cada arquétipo pode variar de pessoa para pessoa, mas um arquétipo sempre causa essa identificação instantânea, essa associação que o indivíduo faz automaticamente com uma pessoa, lugar ou tempo de sua própria experiência social.

Neste trabalho foram estudados os arquétipos, símbolos e significados de cada um dos 22 Arcanos Maiores do Tarô. Esses significados foram absorvidos e interpretados por mim, com base em minha própria visão do mundo e em minhas experiências sociais – parte da psicofera individual e da sociosfera relativa ao contexto sócio-cultural no qual me incluo. O resultado são 22 novas cartas, releituras dos trunfos originais, com suas simbologias e personagens adaptados para a minha própria vivência, minha própria identificação com os arquétipos e com o inconsciente coletivo e a noosfera.

Existem muitas versões diferentes do baralho de Tarô, de épocas e lugares variados. O baralho no qual este trabalho é baseado é, majoritariamente, o Tarô de Marselha, criado em Marselha, França, em 1760. Esta escolha se deve ao fato deste ser um dos baralhos mais antigos, no qual se tem acesso a todas as cartas. O baralho de Marselha mantém a estética, os significados e arquétipos fiéis aos primeiros baralhos de Tarô; além disso, ele é o único baralho que não vem com instruções escritas ou nenhuma forma de interpretação do(s) autor(es). Sua interpretação é feita exclusivamente através das imagens, dando liberdade à imaginação. Para algumas cartas, outras referências também foram usadas, principalmente do baralho Raider–Waite, criado na Inglaterra em 1911, e, embora algumas de suas cartas

mudem o sentido original do baralho de Marselha, as ilustrações modernas agregam e enriquecem o significado de muitos dos trunfos.

O objetivo deste trabalho é recriar e reinterpretar os 22 Arcanos Maiores do Tarô de Marselha, traduzindo-os para os dias de hoje através de fotografias e fotomontagens com temas atuais, porém sem perder o sentido e os arquétipos clássicos retratados no tarô original. As cartas são feitas a partir de fotografias com inserções de ilustrações vetorizadas que completam e/ou agregam sentido à composição, aproximando-as do Tarô original. As ilustrações e intervenções na fotografia não visam criar realismo, e sim aproximar a composição do significado das ilustrações do baralho de Marselha, dando à imagem um tom fantasioso, onírico, de forma a aproximar a fotografia das imagens do subconsciente.

1.1 Justificativa

Se colocados em ordem numérica, os 22 Arcanos Maiores do Tarô contam uma história exclusivamente através da imagem. Essa história é atemporal e impessoal, é a busca do homem pela plenitude de sua consciência e subconsciência, a formação do “eu” ao longo da jornada da vida. O Tarô retrata a evolução do homem durante a vida, tanto carnal quanto espiritual, tudo isso sem fazer o uso de palavras, somente imagens. É a jornada da **individuação**, termo proposto por Jung em sua obra *O Homem e Seus Símbolos* (1964), que significa a evolução da percepção do homem do ambiente que o cerca, em busca de um estado de plenitude onde o homem deixa de se identificar tanto com as condutas e valores propostos pelo meio e passa a seguir mais as orientações propostas por si mesmo.

Na publicidade, a habilidade de criar uma narrativa apenas com imagens é extremamente importante. É igualmente importante saber interpretar imagens e ler a mensagem que elas carregam. Devido a isso, escolhi o estudo do Tarô como meu trabalho de conclusão de curso, acreditando que este estudo poderá me trazer habilidades importantes no exercício da profissão. O conhecimento do poder das imagens, mitos e arquétipos sobre o homem e a sociedade é indispensável para o profissional que busca, como forma de ganhar a vida, criar identificações e relações que sensibilizem pessoas.

Enquanto eu começava o estudo das cartas, minha vida pessoal virou de cabeça para baixo. Uma gravidez inesperada fez com que eu mudasse completamente a forma como enxergava o mundo e a mim mesmo, mudou meu humor, meus objetivos de vida e deixou marcas na minha personalidade que nunca serão apagadas. Quando eu me acostumei com a idéia e comecei a gostar da situação, aconteceu um aborto espontâneo e acabou com tudo. A sensação é indescritível, não sabia o que pensar quando aconteceu e continuo não sabendo. O fato é que, paralelamente a isso tudo, eu estava todos os dias lendo sobre o Tarô, estudando o significado de cada uma das cartas e me relacionando com elas não somente como um trabalho acadêmico, mas criando uma ligação muito mais profunda com os trunfos e comigo mesmo. O Tarô me ajudou a me conhecer melhor, entender e lidar melhor com a situação pela qual eu estava passando. Durante esse estudo tive a oportunidade de me relacionar profundamente com cada uma das cartas e ver como um baralho tão antigo carrega significados tão reais ainda nos dias de hoje.

Hoje, mais que meu trabalho de conclusão de curso, o Tarô se tornou uma parte importante da minha relação com o mundo e comigo mesmo. Se tornou uma espécie de psicólogo que me ajudou a lidar com uma fase extremamente conturbada da minha vida.

1.2 Metodologia

Para a realização deste trabalho, foram analisados os significados, simbolismos e possíveis interpretações dos 22 Arcanos Maiores do Tarô de Marselha, tendo como referência principal o livro *JUNG E O TARÔ*, de Sallie Nichols. As reinterpretações visam manter o sentido original de cada carta, porém em um contexto contemporâneo.

A história narrada pelo Tarô tem um personagem principal. Este herói é retratado fisicamente em algumas das cartas, como os Enamorados e o Carro, porém todas as cartas se relacionam com ele de alguma forma. As cartas em sequência contam a história desse herói em sua jornada em busca da individuação, a busca por conhecer seu subconsciente e se relacionar com ele, tendo como destino final a plenitude do ser, onde consciente e inconsciente, razão e emoção, carne e espírito interagem em perfeita harmonia. Esse herói do Tarô pode ser

entendido como uma representação do próprio leitor, uma representação de nós em nossa jornada em busca de nós mesmos.

Nas minhas releituras, o herói retratado sou eu mesmo, em diferentes formas e situações, e minha visão do mundo. Cartas como o Louco, o Carro, os Enamorados, e algumas outras são autorretratos. Mais que isso, representações do arquétipo materno e paterno foram reinterpretadas com imagens da minha própria mãe e pai. O baralho como um todo reinterpreta os arquétipos clássicos com pessoas, lugares e situações pertencentes à minha vida pessoal. Resumidamente, este trabalho tem como objetivo recontar a história contada pelas cartas do tarô, adaptada à minha própria vida.

A fotografia tem o poder de criar diferentes versões da mesma pessoa, diferentes máscaras. Annateresa Fabris, em seu artigo O Teatro das Aparências, diz:

Ao criar uma imagem ficcional, isto é, ao referir-se à uma pessoa, a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício, não apenas em termos técnicos, mas também pelo fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original (FABRIS, 2004, p. 57).

No meu trabalho, diferentes versões ou significações do mesmo arquétipo foram representados por diferentes caracterizações do mesmo modelo em fotografias diferentes.

Para a criação das cartas foram usadas fotografias que buscam traduzir o significado do Tarô para os dias de hoje. Na maioria das fotos foram feitas intervenções, desenhos, ilustrações e montagens inserindo elementos, símbolos ou objetos que completam o significado de cada carta. Esses desenhos quebram a sensação de realismo que as fotografias passam, dando a elas um tom fantasioso que as aproxima do reino do subconsciente.

No baralho de Marselha, todas as ilustrações são coloridas com apenas quatro cores: vermelho (carne), azul (espírito), amarelo (ouro) e verde (natureza). As cores são uma parte importantíssima do significado de cada carta, elas completam a interpretação dos arquétipos e criam a dualidade. Todas as cartas podem ser interpretadas de maneira positiva ou negativa, confrontam o yin e o yang, o bem e o mal, a carne e o espírito, o consciente e o inconsciente. Muito dessa dualidade é criada pelas cores, principalmente no contraste entre o vermelho e o

azul. Nas releituras, eu mantive este elemento fiel ao Tarô clássico. O vermelho e o azul estão presentes em quase todas as cartas com o mesmo significado que trazem no baralho de Marselha, trazendo a dualidade de maneira sutil.

Embora as releituras tentem manter o significado original das cartas, vários elementos foram adaptados para se adequarem aos dias de hoje. A lanterna do Eremita, por exemplo, se tornou um computador; a espada da Justiça se tornou um par de algemas, etc. Algumas cartas ficaram completamente diferentes do baralho original, porém, mesmo assim, o significado foi preservado, de forma a manter o sentido da história das cartas de Marselha intacto, somente adaptado para o mundo atual.

Para a criação das cartas, foram enumerados os principais elementos de cada um dos Arcanos Maiores, seus significados e simbolismos, assim como a mensagem que eu desejava passar com cada um. Feito isso, esquematizei como seriam feitas cada uma das vinte e duas cartas: personagens, locações, elementos de cena, enquadramento, iluminação, etc. Definidas todas as fotografias a serem tiradas, comecei a busca por modelos, locações e equipamentos compatíveis com o planejado. Boa parte das fotos foram feitas com auxílio de tripé e temporizador, visto que os equipamentos de iluminação e rebatedores dos quais eu dispunha foram improvisados, e precisavam que eu os segurasse durante a fotografia. Mesmo os autorretratos foram feitos desta forma, na maioria das vezes com pouca ou nenhuma ajuda de outras pessoas.

Nos próximos capítulos, descreverei cada uma das cartas individualmente. Falarei sobre o significado da carta no Tarô de Marselha e como sua simbologia foi adaptada de forma a não prejudicar o sentido original. Falarei também sobre o processo de produção e pós-produção de cada carta e fotografia, visto que esta é a parte principal do trabalho: o produto em si.

1.3 Layout da Carta

Não é somente a ilustração ou fotografia que compõe uma carta de Tarô, a moldura, tipografia e o verso da carta são igualmente importantes na criação de um baralho de Tarô. Os elementos, além da imagem da carta, completam o sentido de um baralho individualmente, tornando-o único.

No Tarô de Marselha não há moldura, a imagem ocupa praticamente toda a extensão da carta. Há somente um *box* branco no topo e na parte inferior para dar destaque ao nome e número do trunfo. A tipografia, muito semelhante à tipografia usada no meu baralho, costuma ser reta e sóbria, serifas finas reforçam a fácil legibilidade do nome. O verso das cartas varia bastante, desde desenhos simples com texturas minimalistas até os mais elaborados com desenhos altamente trabalhados. Geralmente o verso é a parte mais abstrata das cartas, sem muita simbologia definida. Elementos recorrentes são a simetria, que aparece de formas diversas, porém sempre aparece. Outro elemento comum é um centro bem definido, no qual tudo se encontra; raios concêntricos e formas circulares costumam aparecer nos versos de diversos baralhos.

No meu baralho, uma vez que as imagens das cartas são fotografias, molduras brancas sem muitos detalhes (ver anexo com as imagens) aliviam a composição, definindo bem os limites da composição para facilitar a leitura. Os cantos arredondados nas fotografias suavizam a composição, dando uma maior leveza para as cartas. O espaço maior na parte inferior dá destaque ao nome da carta em meio aos detalhes de cada trunfo. A reentrância na parte superior funciona como suporte para o número da carta, dando-lhe ênfase. A pequena invasão no espaço da fotografia quebra com uma composição estática, criando dinamismo e dando peso ao número do trunfo, quase como um brasão no topo da imagem.

A tipografia usada é a fonte *Copperplate Gothic*. É uma tipografia reta e pesada, semelhante à usada nos baralhos clássicos. Transmite firmeza e segurança, as serifas pequenas e finas passam ainda mais estabilidade. O fato das letras serem caixa-alta, variando apenas no tamanho, dá destaque para todas as letras. A escolha desta fonte dá à carta firmeza e imponência, criando um peso que ancora a carta em sua posição correta.

O verso do baralho (anexo, fig 1), dividido em quatro quadrantes, é marcado por um grande olho no centro. Os dois quadrantes de baixo são espelhados nos dois de cima, criando a simetria que costuma estar presente na maioria dos baralhos. As texturas espalhadas pela imagem, desenhadas à mão, foram inspiradas nas gavinhas de plantas. O olho no centro representa o olhar humano, que tenta organizar de forma racional um mundo de caos à sua volta. Sendo bastante abstrato, o verso é a parte mais artística deste trabalho, sem simbologia definida e aberto a diversas interpretações.

2 AS CARTAS

2.1 O Louco – 0

O trunfo de número ZERO do Tarô é o Louco. É uma carta peculiar, visto que parece não se encaixar em nenhum ponto específico na sequência do Tarô, podendo aparecer no início, no fim ou em qualquer ponto do meio. O número ZERO, em seu formato redondo reforça essa ausência de início ou fim. O Louco é regido pelo caos, faz o que quer sem esperar resultados específicos. É um arquétipo muito comum em diversas histórias, reais ou de ficção. O Coringa do baralho moderno é um descendente direto do Louco, ele aparece quando e onde menos se espera, prega peças e brinca conosco, é um espírito livre que não segue nenhuma lógica. Este trunfo tem uma forte relação com os bobos da cômica da antiguidade. Com sua “inteligência” ímpar, que não é encontrada nos livros, os bobos da cômica eram frequentemente conselheiros muito próximos do rei, sua missão era lembrá-lo do seu lado carnal, humano antes de tudo.

No baralho de Marselha (anexo, fig 2) o Louco é retratado como um homem jovem, usa roupas coloridas descombinadas e caminha sozinho distraído, não olha para o caminho que percorre, olha para o infinito. Na maioria dos baralhos o Louco é retratado andando na beira de um precipício que ele parece não ver, parece seguir algo, algumas vezes retratado como uma borboleta, uma flor ou mesmo nada, somente o olhar perdido. Este louco carrega uma trouxa nas costas, trazendo o arquétipo do andarilho, que carrega todos os seus pertences consigo por onde anda; visto que não possui moradia nem destino, leva tudo o que tem, pois não sabe do que pode precisar. Aos calcanhares do Louco está um cachorrinho que parece tentar avisá-lo do precipício a sua frente, mas não se sabe se o louco o escuta ou não.

No baralho de Marselha o precipício propriamente dito não aparece, porém o sentido é o mesmo. O Louco anda sem destino, sem olhar por onde vai, seu pequeno amigo canino tenta avisá-lo dos perigos da estrada, mas ele parece não dar atenção. Sua atitude lembra a famosa frase do gato de Alice no País das Maravilhas: “Para quem não sabe para onde vai, qualquer caminho serve”.

Na minha versão do Louco (anexo, fig 3), optei por retratar a mim mesmo como o personagem da carta. Eu apareço vestindo uma camiseta colorida, caótica, andando sem olhar

para frente, entretido com meus malabares. Logo no meu próximo passo, uma queda aparentemente eminente tenta ser evitada por uma mão sem corpo que me puxa pela camiseta. Essa mão é o equivalente do cachorrinho, ela tenta me avisar mas não se sabe se ela será o suficiente para impedir a queda. A inserção do desenho da trouxa em minhas costas aproxima o Louco moderno do clássico, trazendo de forma fantasiosa, inconsciente, o fardo do Louco de andar sem ter destino, carregando tudo que possui nas costas.

A fotografia foi feita em meio à natureza para simbolizar a relação da carta com o reino do inconsciente. O Louco é um personagem do subconsciente e, embora seja eu retratado na carta, não estou em meu habitat natural, a natureza aparece para simbolizar o reino dos sonhos, do espírito livre das amarrações do mundo real. As três bolinhas dos malabares reforçam o caos da carta, uma é vermelha, uma azul (carne vs espírito) e a bolinha verde, simbolizando a natureza, flutua sobre as outras. A luz extremamente contrastante e as cores saturadas afastam ainda mais a imagem do mundo real, aproximando-a do caos dos sonhos e do inconsciente.

O número do Louco varia de baralho para baralho. Em alguns ele aparece com o número zero, em outros aparece como o trunfo vinte e um, logo antes do Mundo. Existem ainda baralhos em que o Louco aparece sem número algum, reforçando sua liberdade para ir e vir sem pertencer a lugar algum. Na minha releitura o Louco não possui número, é retratado como uma figura livre para se encaixar onde quiser, pode se movimentar e aparecer onde menos se espera, reforçando o espírito livre do Louco.

Sendo o primeiro trunfo da sequência, o Louco abre o baralho apresentando o personagem principal em sua forma mais caótica. A partir do trunfo de número 1, o Mago, daremos início à jornada do herói do Tarô, apresentando os outros personagens que compõem essa história, sejam eles do reino do consciente ou do inconsciente.

Joseph Campbell, em sua obra *O Herói de Mil Faces* (1949), estuda o conceito da jornada do herói nos mitos de diversos tempos e lugares e a divide em doze passos: mundo comum, chamado à aventura, recusa ao chamado, encontro com o mentor, travessia do limiar, testes (aliados e inimigos), aproximação do objetivo, provação máxima, conquista da recompensa, caminho de volta, depuração, retorno transformado. O autor diz que todas as histórias e mitos de toda a humanidade possuem, de alguma forma, esse herói que sai em sua jornada, seja ela

física ou psicológica, e retorna transformado. Com o Tarô não é diferente, as cartas contam a história da evolução do herói, onde ele passa por provações, precisa fazer sacrifícios e retorna como um homem transformado.

2.2 O Mago – 1

O trunfo de número um é o Mago, um personagem do reino do inconsciente que, de certa forma, lembra o Louco, mas na realidade é completamente diferente. No baralho de Marselha (anexo, fig 4) o Mago aparece com suas roupas multicoloridas de pé em frente a uma mesa sobre a qual estão dispostos diversos objetos. Na mão direita ele segura uma varinha mágica e na esquerda uma moeda de ouro. Sua atenção está voltada para os objetos à sua frente e para a magia que está prestes a performar. Assim como o Louco, o Mago também traz o arquétipo do embusteiro, ele realiza truques de mágica e milagres, a diferença é que o Louco faz por brincadeira, para pregar peças sem esperar nenhum resultado específico, enquanto o mago faz de forma profissional. Prepara e executa seus truques para a sua audiência esperando determinados resultados, consciente dos seus atos. Sobre sua cabeça está um grande chapéu cujas abas formam a *lemniscata*, o símbolo matemático do infinito. Este chapéu simboliza a constante renovação da vida e das energias que rodeiam o Mago, assim como o símbolo oriental do *yin e yang*, que representa a constante interação das energias opostas, sem início ou fim.

O Mago performa milagres, feitos aparentemente inexplicáveis, bem diante dos nossos olhos. Esses milagres não são necessariamente religiosos: o médico, o cientista, o artista, o professor, todos eles têm um pouco do Mago em si, pois realizam atos muitas vezes inexplicáveis para a sua platéia. A mão direita erguida no ar, segurando a varinha mágica, sugere ação e dinamismo. O fato de ser a mão direita implica que o Mago tem plena consciência do que está fazendo, sabe o que esperar de sua ação.

Na minha releitura (anexo, fig 5), o Mago é um homem mais velho, de cabeça branca, dentro de uma sala de aula vestindo um jaleco, que é a vestimenta usada por professores, médicos e artistas. Este homem é meu avô, conhecido por praticar o Reiki, cura espiritual, dar passe, entre outras coisas. É, basicamente, um mago dos dias de hoje, um operador de milagres.

Assim como no Mago de Marselha, ele segura com a mão direita uma varinha mágica erguida no ar, prestes a executar sua mágica. Sua varinha é azul, indicando que sua magia reside no espírito, enquanto o recipiente que recebe a mágica, em sua mão esquerda, é vermelho, simbolizando o corpo físico, a carne. Sobre a mesa a sua frente estão alguns livros (alguns dos livros que me serviram de referência na realização deste trabalho), indicando a busca pelo conhecimento. Sobre a mesa está também uma pequena pirâmide, simbolizando a confluência das energias. No quadro negro atrás do Mago está representada a *lemniscata*, o chapéu do Mago de Marselha, escrito com giz sobre a sua cabeça.

Este Mago do trunfo número 1, operador de milagres do inconsciente, possui, como todas as cartas, um lado positivo e um negativo. Não se sabe qual será seu próximo truque nem quais são as suas intenções, sabe-se apenas que é uma figura poderosa, um arquétipo presente no mundo moderno em milhares de formas diferentes. O importante para ele é ter uma plateia, alguém para assistir e se surpreender com os seus feitos. Se ninguém está olhando, deixa de ser um milagre, pois ninguém presenciou o acontecido para dizer que era impossível.

O Mago, sendo a figura que dá início de fato à sequência do Tarô, simboliza também o princípio masculino, dinâmico, pronto para agir. Ele nos permite vislumbrar o mundo dos sonhos, do inconsciente. Ele dá início à primeira parte da sequência do Tarô, o Reino dos Deuses, como é chamada a sequência das primeiras sete cartas. Nessa primeira parte serão apresentados personagens do reino do inconsciente, arquétipos clássicos presentes de alguma forma na vida de todos nós.

2.3 A Papisa – 2

O trunfo de número dois é a Papisa. No Tarô de Marselha (anexo, fig 6) a Papisa aparece como uma mulher jovem, sentada segurando um livro, atrás dela está uma cortina, aparentemente guardando algo. Em sua cabeça há uma coroa dourada em forma de colméia e ela veste um manto azul cobrindo todo o seu corpo, porém as roupas por baixo do manto são vermelhas. A Papisa representa a essência feminina, a virgem, a lua, a água, representa o lado feminino tanto do homem quanto da mulher. Sua expressão serena e misteriosa, somada ao livro em sua mão e às cortinas atrás dela indicam que ela guarda um segredo. Seu manto azul

coabrindo todo o corpo indica que ela é espírito, mas o interior vermelho simboliza a intenção de se fazer carne, como a semente da vida, esperando para ser fecundada.

O nome Papisa, embora à primeira vista possa remeter ao feminino de Papa, não tem muita relação com o papa -- é na realidade a essência espiritual feminina. A Papisa simboliza a mulher livre. Diferentemente do arquétipo materno, a Papisa é a virgem. Não virgem no sentido contemporâneo relacionado ao sexo, virgem no sentido de não ter um marido: é uma mulher livre, é espírito esperando para descer à Terra e se fazer carne. Sua coroa em forma de colméia com três camadas, semelhante à do Papa, indica a ligação entre céu, terra e inferno. O livro em suas mãos e as cortinas atrás de si indicam que ela guarda o segredo da vida.

Na minha releitura (anexo, fig 7) a Papisa aparece como uma bela e jovem mulher, os longos cabelos soltos e expressão provocante indicam fertilidade. O vestido azul, assim como na carta de Marselha, indicam que ela é espírito, enquanto o pequeno cinto vermelho em seu ventre indica a semente esperando para ser fecundada, o espírito esperando para se fazer carne. A jovem guarda uma grande porta de madeira, trazendo para a releitura o segredo original guardado pela Papisa de Marselha. A essência feminina, diferentemente da representação clássica, não é mais uma mulher sentada imóvel com o corpo e os cabelos ocultos. Na contemporaneidade o feminismo ganhou um tom mais dinâmico, mais ativo, o corpo da mulher não é mais algo sagrado a ser escondido. Esta carta busca explorar a sensualidade feminina contemporânea, uma beleza mais dinâmica, a essência feminina se tornou mais ativa, porém o significado é o mesmo. O lado feminino se faz presente tanto no homem quanto na mulher, um personagem do subconsciente que faz parte da psiquê de todos nós, em maior ou menor escala.

Desenhada sobre a sua cabeça, a coroa da Papisa de Marselha reaparece na releitura. As três camadas simbolizam a relação com os três planos de existência: terra, céu e inferno. As flores vermelhas e azuis reforçam a dualidade carne e espírito.

A mulher retratada na carta se chama Anna, é minha namorada. Ela aparece nesta carta como a jovem virgem, simbolizando a deusa Lua, temperamental, irracional, emotiva, o lado feminino presente em todas as pessoas. A Papisa é, assim como o Mago, uma figura do inconsciente, a segunda carta na primeira sequência, o Reino dos Deuses, contrastando com o mago o feminino e o masculino.

2.4 A Imperatriz – 3

O trunfo de número três é a Imperatriz, simbolizando a mãe, a rainha. No Tarô de Marselha (anexo, fig 8) ela aparece sentada em seu trono, trajando uma longa saia vermelha e um manto azul. Na mão direita segura um escudo com uma águia, simbolizando o brasão da família real, e na esquerda segura o cetro. O cetro consiste em uma esfera, simbolizando o mundo, com uma cruz em cima, simbolizando a ligação da terra com o divino. O cetro real é o que lhe confere poder, lhe dá o título de Imperatriz, é a sua ligação com o poder político na Terra. Porém, segurando o cetro com a mão esquerda, ela indica que governa através do seu lado irracional, emocional, suas leis são baseadas no amor. O brasão da família na mão direita indica que, antes de tudo, ela é mãe, sua preocupação principal é a família, à qual ela dedica seu amor incondicional de mãe.

Sentada confortavelmente em seu trono, a Imperatriz não governa pelas leis dos homens, mas sim pelo amor. É mais flexível em seu governo, opera mais pelo seu lado emocional. A Imperatriz representa a mulher plena, chefe da família juntamente com o Imperador. Ela é a essência feminina no mundo dos homens, da carne, não é mais espírito como a Papisa. Representa o arquétipo da mãe, é aquela que nos cria e orienta, que nos inspira a voar mas também nos puxa de volta para a terra quando precisamos. Como todas as cartas, a Imperatriz também pode ter seu lado negativo: o amor sufocante e a mãe super-protetora também fazem parte do arquétipo materno. Basicamente, a Imperatriz representa a mulher plena, a busca da mulher por sua essência, é um arquétipo extremamente forte na vida de todo ser humano desde a infância.

Nesta releitura (anexo, fig 9), a Imperatriz aparece de maneira muito semelhante à Imperatriz de Marselha: sentada exuberante em seu trono, coração na mão direita simbolizando a família e o cetro na mão esquerda, conferindo-lhe o título e o poder devidos à Imperatriz. O vestido vermelho mostra que é carne, porém a echarpe azul sobre o ombro reforça sua ligação com o espírito. A Imperatriz se sente confortavelmente em seu trono, quase um divã, governa através do diálogo e do amor. Seu cetro, inspirado no cetro original de Marselha, é um desenho feito à

mão sobre a foto. No mundo contemporâneo, coroas e cetros não mais indicam o mesmo poder de outrora, assim, o cetro desta Imperatriz é meramente figurativo, uma ilustração para a aproximação da Imperatriz do baralho de Marselha.

O trunfo de número três é o elo que completa a trindade com o Mago e a Papisa. Simboliza a união da mágica do Mago com a fertilidade da Papisa, gerando a família. Seu governo flexível baseado no amor incondicional caracteriza o arquétipo materno. A mulher retratada nesta carta se chama Fabiana Imperatriz (Imperatriz aqui sendo o sobrenome da minha família, nenhuma relação com o Tarô). Ela é minha mãe e representará o arquétipo materno em todas as suas faces ao longo da sequência do baralho.

2.5 O Imperador – 4

O trunfo de número quatro é o Imperador, o representante do arquétipo do pai, líder da família. No baralho de Marselha (anexo, fig 10) o Imperador aparece em seu trono, mas não está sentado, está apenas apoiado, pronto para se levantar e agir. Ele segura seu cetro na mão direita, indicando que governa pelo seu lado racional; ação, dinamismo e racionalismo o definem. Aos seus pés, apoiado no trono está o escudo com o brasão da família, indicando que é um líder, não só da família, é o líder do império. Veste majoritariamente azul, indicando sua ligação com o mundo espiritual, porém seus braços são vermelhos, indicando que suas ações recaem sobre o mundo da carne.

O Imperador aparece como um homem mais velho, longa barba branca, olhando para o horizonte, indicando sua preocupação com o futuro. Ele é um homem de ações, vem para completar a emoção, a criatividade e o sentimento da Imperatriz com racionalismo e dinamismo para construir um império sólido. Representa o arquétipo do pai, o chefe da família, um homem de regras e moral mais rígida, sua lei é a lei dos homens, para todos os homens. Em sua cabeça está uma coroa, de certa forma semelhante à da Imperatriz, que, juntamente com seu cetro, lhe confere o poder para governar, ligando-o ao reino dos homens e ao reino espiritual ao mesmo tempo.

Na minha releitura (anexo, fig 11), o Imperador aparece sentado em seu trono, mas inclinado para frente, pronto para se levantar. É um homem na casa dos 50 anos, veste uma camisa azul, mostrando sua ligação com o mundo espiritual, mas por baixo veste uma camiseta vermelha, indicando que, em seu interior, é um homem de carne e osso. Descansando aos seus pés está o mesmo coração que representa a família na carta da Imperatriz, o brasão da família está perto dele, porém não está em suas mãos pois não é a sua principal preocupação, além da família ele precisa se preocupar com todo o seu império. Na mão direita ele segura seu cetro, indicando que governa pela racionalidade. A arma em sua mão esquerda indica o seu poder, o poder militar de agir e defender o seu reino. Mais que o chefe da família, é um homem preparado para defender o que é seu, um homem de ação. Seu olhar sério, desafiador, diretamente para a câmera reforça seu lado ativo, dinâmico, racional. Diferentemente do Imperador de Marselha, que tem uma expressão calma e segura, o Imperador do mundo de hoje não pode se acomodar, deve estar sempre se renovando ou pode perder o seu cargo. Seu direito de governar não é garantido e deve ser merecido constantemente.

A trindade das três primeiras cartas é completada pelo número quatro do Imperador, que, assim como as quatro estações do ano e os quatro pontos cardeais, completa um ciclo, dando, ao mesmo tempo, ímpeto para o começo de um novo ciclo. O Imperador, sendo um homem de ação, é aqui retratado como um homem trabalhador contemporâneo, cuida da família com racionalidade e dinamismo. O cetro em sua mão, idêntico ao da Imperatriz, é também um desenho à mão. Seu cetro aparece apenas para reforçar sua ligação com o Imperador de Marselha.

O homem retratado nesta carta se chama Carlos Eduardo, é marido da minha mãe e meu padrasto, ajudou e me criar desde muito pequeno. Ele representa o arquétipo paterno no meu baralho e na minha vida, impondo limites e ensinando os filhos a pensar racionalmente. Homem trabalhador, policial, ele representa a força no mundo dos homens, o poder para construir e administrar seu império.

2.6 O Papa – 5

O trunfo de número 5 é o Papa, o líder religioso e espiritual que orienta os homens. No baralho de Marselha (anexo, fig 12) ele aparece sentado em seu grande trono, duas colunas atrás de si, indicando, de forma semelhante à Papisa, que ele guarda um segredo, um segredo do espírito. Com a mão direita ele faz o sinal da bênção do Papa, indicando que seu lado racional está voltado para ajudar as pessoas, enquanto com a mão esquerda ele segura o cetro papal. O cetro possui três planos ligados por uma linha vertical, indicando a ligação entre os três planos de existência: o céu, a terra e o inferno. A mão que segura o cetro veste uma luva dourada, reforçando o quanto é sagrado seu título de papa e sua missão na terra. Em sua cabeça está uma coroa idêntica à da Papisa, a colméia com três camadas, simbolizando, assim como o cetro, a ligação com os três planos de existência. Ele veste azul mas sobre seus ombros há vermelho, o peso da carne sobre ele.

Ajoelhados em frente ao Papa estão dois de seus apóstolos, em posição de oração, pedindo orientação espiritual. O Papa é um guia da humanidade, um orientador espiritual para os homens. Por integrar ainda da primeira parte da sequência do Tarô, o Reino dos Deuses, o Papa não aparece como humano, é um ser sobre-humano, é aquele que conversa com Deus, é quem orienta a humanidade. Pode ser uma figura do subconsciente ou pode ser uma pessoa real, mas que carrega o arquétipo do guia espiritual. Ele aparece no Tarô de Marselha como um homem mais velho, mais experiente. A dualidade desta carta consiste principalmente no gesto de sua mão direita: antigas lendas diziam que a mão abençoa, porém a sombra da mão amaldiçoa.

Na minha releitura (anexo, fig 13), o Papa aparece como um homem mais novo sentado em uma escada. Na antiguidade a sabedoria era relacionada diretamente com a idade, nos dias de hoje, porém, isso não é mais verdade. Muitas vezes a impetuosidade e o dinamismo da juventude podem se mostrar melhores conselheiros do que a experiência da velhice. Segundo Mircea Eliade, em seu livro *Imagens e Símbolos* (1991) a escada representa um caminho que pode subir ou descer, pode ser vista como um caminho que liga os diferentes planos de existência, o que está em cima ao que está em baixo e vice-versa. É um não lugar, uma ponte entre dois mundos diferentes. Esse conceito casa com a idéia do Papa como líder espiritual da

humanidade, por isso a escada substituiu seu trono, ele é aquele que mostra e guarda o caminho para o céu.

Com sua mão direita o papa faz o símbolo da bênção papal, na mão esquerda um baralho de tarô entrou no lugar do cetro. O baralho de tarô simbolizando o poder do Papa se deve à minha experiência pessoal com o tarô como um guia, uma forma de lidar com a situação que me cercava. A vestimenta azul reforça sua ligação com o mundo espiritual. Ajoelhados à sua frente estão dois seguidores desse Papa, porém nessa releitura há a dualidade, os seguidores são um homem e uma mulher, ou talvez os dois lados do mesmo ser humano. Eles buscam orientação espiritual, buscam o conhecimento do Papa para ajudá-los em sua jornada. O chapéu e os óculos escuros desse Papa o afastam da concepção clássica do Papa cristão, o aproximam da situação de um guru espiritual, um guia não necessariamente religioso, um guia puramente espiritual.

O modelo retratado como o Papa se chama Eduardo, é um amigo de infância que sempre foi conhecido por seus conselhos e por ajudar os amigos. Ironicamente, desde criança todos o conhecem como Capeta, um apelido que o segue há muitos anos. Os dois apóstolos são os irmãos Gustavo e Luana, simbolizando os dois lados da mesma carne, o mesmo sangue.

O número 5 do Papa vem para complementar o 4, que simbolizava o mundo, com a quinta-essência, o espírito, a ligação com Deus. É o último personagem do subconsciente a ser apresentado nesta fileira do Reino dos Deuses. As próximas duas cartas, que encerram a primeira fileira (os Enamorados e o Carro), retratam o herói, o personagem principal do baralho (eu) no início da sua jornada em busca da individuação.

2.7 Os Enamorados – 6

O trunfo de número seis são os Enamorados, marcando a primeira aparição plena do ser humano. Todas as cartas até agora retravam figuras do inconsciente, do mundo das idéias. No trunfo anterior, o Papa, dois humanos apareciam ajoelhados de costas, mas não eram plenos, eram muito pequenos em relação ao Papa. Porém agora, neste trunfo, aparecem três seres humanos do mundo real, em pé, de frente, em seu tamanho real e em toda a sua plenitude (anexo, fig 14). Esta carta apresenta um homem no meio, o personagem principal da história

do Tarô, dividido entre duas mulheres, uma de cada lado. Uma das mulheres parece ser mais velha, enquanto a outra parece ser jovem. O herói está dividido entre as duas, ele tem uma escolha a fazer, mas, enquanto isso, pairando no céu, fora da visão dos seres humanos, está um anjo com seu arco e flecha, o Cupido, mirando sua flecha pronta para ser disparada a qualquer momento.

A mulher mais velha coloca a mão sobre o ombro do herói, tenta falar com seu lado racional, enquanto a mais nova coloca a mão sobre seu coração, chamando seu lado emocional. Ele está com a cabeça virada para a mulher mais velha, mas seu corpo parece tender para a mais nova. O herói aparece dividido, tanto emocional quanto fisicamente, é preciso que ele faça sua escolha para poder dar início à sua jornada em busca da individuação. Porém essa escolha não cabe somente a ele, o anjo sobre sua cabeça indica que forças sobrenaturais, o próprio destino, podem intervir na escolha do herói, facilitando-a ou dificultando-a. Para poder dar sequência a sua jornada, ele precisa fazer sua escolha e seguir sua vida, deixando a outra opção para trás.

Na minha releitura (anexo, fig 15), eu, o personagem principal deste baralho, apareço também dividido entre duas mulheres: minha mãe e minha namorada. Assim como no baralho de Marselha, minha mãe, à esquerda, coloca a mão sobre meu ombro e, vestindo azul, fala com meu lado espiritual, com meu lado racional. À direita, minha namorada coloca a mão sobre o meu coração, incitando meu lado emocional, as vontades da carne; sua blusa vermelha reforça essa conexão. As cores trajadas pelas mulheres foi invertida em comparação ao Tarô de Marselha, isto se deve ao fato de que, no meu Tarô, a identidade das mulheres é clara: minha mãe e namorada. Devido a isso seus papéis são mais bem definidos, cada uma veste somente uma cor, definindo mais claramente o dilema no qual eu me encontro. Eu, dividido entre as duas, visto cinza, indicando minha indecisão. Meu rosto está virado para a minha mãe, mas meu corpo se volta para a minha namorada, reforçando a escolha que eu preciso fazer.

Sobre nossas cabeças, aparece o arco e a flecha do cupido, apontando diretamente para a minha cabeça. O desenho à mão sobre a fotografia indica que o cupido não pertence a este mundo, é uma figura do inconsciente exercendo sua influência sobre o mundo dos homens. A releitura do trunfo de número seis se mantém muito semelhante à carta original, com exceção das roupas que foram modernizadas e simplificadas para reforçar a indecisão do herói e criar a dualidade espírito versus carne.

Marcando a primeira aparição plena do herói do Tarô, os Enamorados o retratam antes do início de sua jornada, ainda indeciso sobre qual caminho seguir. O próximo trunfo, o Carro, marcará de fato o início da jornada e também o fim da primeira fileira, o Reino dos Deuses.

2.8 O Carro – 7

O trunfo de número sete é o Carro, marcando o fim da primeira fileira, o Reino dos Deuses, e o início da jornada do herói, o momento que ele sai no mundo em busca de si mesmo. No Tarô de Marselha (anexo, fig 16) o herói aparece de armadura e coroa, pronto para enfrentar o mundo em sua carruagem puxada por dois cavalos, um vermelho e um azul. Os cavalos indicam que a jornada do herói é guiada tanto pela carne quanto pelo espírito, simbolizando a dualidade que rege a jornada. Agora com o carro à sua disposição, o herói está pronto para sair pelo mundo, conhecer novos lugares e, no processo, conhecer a si mesmo.

Marcando o fim do Reino dos Deuses, o Carro leva o herói para a segunda sequência de cartas, denominada o Reino da Realidade Terrena. Na primeira fileira foram apresentados muitos dos principais personagens arquetípicos que habitam o nosso inconsciente; a partir de agora, serão retratadas situações e seres que influenciarão o herói em sua jornada.

Na minha releitura (anexo, fig 17), eu, o herói deste baralho de Tarô, apareço também pronto para sair em minha jornada e enfrentar o mundo. A camisa social com as mangas dobradas simboliza a disposição para sair, trabalhar, conhecer novos lugares e encontrar um novo eu. Os óculos escuros fazem parte da armadura, protegem meus olhos para que eu possa sair em minha jornada sem ser ofuscado pelo sol do mundo real. O diploma na mão esquerda ilustra a situação pela qual estou passando exatamente agora: a busca pelo meu diploma para que eu possa sair pelo mundo em minha jornada. Atrás de mim está o meu carro, conferindo-me o poder de ir e vir, de sair em busca do mundo, assim como a carruagem do herói de Marselha. A faixa no chão, metade vermelha e metade azul, ilustra os cavalos da carruagem de Marselha, o lado físico e o espiritual que me guiam na jornada, criando a dualidade na carta.

Marcando o fim da primeira fileira, esta carta simboliza que o herói venceu seu dilema anterior e sai agora em sua jornada. Trazendo movimento e dinamismo para o herói, o trunfo de número sete indica que ele encontrará inúmeros perigos e desafios, e é hora de enfrentá-los

para que possa voltar um dia como um homem pleno, em harmonia com o ambiente e consigo mesmo.

2.9 A Justiça – 8

O trunfo de número oito é a Justiça, a essência da harmonia e do equilíbrio. No Tarô de Marselha (anexo, fig 18) ela aparece como uma mulher sentada em um trono, espada na mão direita e balança na mão esquerda. A balança simboliza como os opostos são, na verdade, complementares. Simboliza a busca pela harmonia e pelo equilíbrio e, como é segurada pela mão esquerda, indica que esse equilíbrio é buscado pelo lado emocional, irracional. A espada representa a ação, o poder para restaurar o equilíbrio, não para punir ou gratificar. Sendo segurada com a mão direita, indica que essa ação é racional. Sendo uma mulher, indica que é regida pelo princípio feminino, a emoção e o sentimento a guiam no cumprimento de seu dever. Atrás da mulher, o encosto do seu trono se ergue, representando a instituição que ela representa e defende.

Sendo a primeira carta do Reino da Realidade Terrena, a Justiça representa a busca do herói por equilíbrio. Ele precisará conciliar problemas em sua jornada, e este trunfo representa o poder para restaurar a harmonia. Essa justiça não está somente no reino dos homens, mas também no reino do espírito; não pertence às leis dos homens, é um conceito de justiça mais amplo, aplicável à natureza como um todo.

Na minha releitura (anexo, fig 19), a Justiça é uma mulher vestindo verde, reforçando sua ligação com a natureza acima de tudo, sem contrastar a dualidade carne e espírito. Em sua mão esquerda segura a balança, simbolizando o equilíbrio, como os opostos podem na verdade se completar. Perto da sua mão direita, preso em seu cinto, está um par de algemas, simbolizando a ação para punir ou glorificar, substituindo a espada, como uma forma de se fazer justiça mais usual nos dias de hoje. Atrás dela podem-se ver duas grandes pilastras, simbolizando o trono da Justiça original, a instituição defendida por ela.

A mulher retratada nesta carta chama-se Daniele, é irmã da minha mãe. Durante a minha infância ela sempre soube ver os dois lados de qualquer situação, me defendia quando eu

estava certo e sabia me repreender quando eu merecia. Ela sempre foi, na família, aquela que resolvia os problemas, sabia conciliar os dois lados e restaurar o equilíbrio. Ao longo da minha vida ela sempre encarnou o arquétipo da Justiça em todos os problemas da família e, por isso, é ela quem interpreta a Justiça neste trunfo.

2.10 O Eremita – 9

O trunfo de número nove é o Eremita, simbolizando o arquétipo do velho sábio andarilho. No Tarô de Marselha (anexo, fig 20) ele aparece como um homem velho, com cabelo e barba longos, anda apoiando-se em uma bengala e segura uma lanterna para iluminar seu caminho. Veste uma longa capa azul, simbolizando sua relação com o mundo espiritual, mas por dentro sua roupa é vermelha, mostrando que também pode ser um homem de carne e osso. O Eremita é um guia na busca pela compreensão do EU, transita entre o consciente e o subconsciente auxiliando o herói em sua jornada. Quando o herói encontra-se sem energia para continuar seu caminho, o Eremita pode ajudá-lo, dando-lhe com sua lanterna uma nova luz para seguir.

O Eremita não pode mostrar para o herói o caminho da individuação, esta jornada o herói precisa vencer sozinho. O Eremita pode apenas ajudá-lo a transitar entre o isolamento e o mundo exterior, pode dar dicas sobre qual passo dar em seguida. Sendo um guia, um conselheiro na jornada da individuação, o Eremita é aquele que não dá o peixe, ensina a pescar, nos ajuda com sua experiência e vivência a vencer nossa própria jornada. Sendo a segunda carta da segunda fileira, o Reino da Realidade Terrena, o Eremita simboliza um guia que ajuda o herói em sua jornada, ele pode aparecer como uma figura do inconsciente ou pode se projetar em uma pessoa real. É um arquétipo extremamente poderoso que pode transitar entre os dois mundos.

Na minha releitura (anexo, fig 21), o Eremita é um homem barbado encapuzado, sua lanterna se tornou um computador. A escuridão em volta simboliza o isolamento, a única fonte de luz é o computador, que, assim como o Eremita de Marselha, pode nos ajudar a encontrar nosso caminho ao longo da jornada. A luz azul emanada da tela do computador simboliza a conexão do Eremita com o espírito, mas quem o segura é um ser humano, uma pessoa de carne e osso.

O computador é uma ferramenta que simboliza muito bem a contemporaneidade. Pode ser usado para o bem ou para o mal, pode ser usado para entreter, estudar, planejar ou executar. Ao mesmo tempo que nos isola, pode aproximar as pessoas, pode ensinar ou pode ludibriar. Nas mãos do Eremita, o computador simboliza a ferramenta para ajudar o herói em sua jornada, pode mostrar o caminho, mas só quem pode trilhá-lo é o herói sozinho. O computador simboliza também o elo entre dois mundos, é um portal que nos permite entrar em uma realidade paralela, nos permite, assim como o Eremita, transitar entre diferentes mundos.

2.11 A Roda da Fortuna – 10

O trunfo de número dez é a Roda da Fortuna, uma grande roda de madeira guardada por uma esfinge e com dois seres monstruosos presos a ela. No Tarô de Marselha (anexo, fig 22) esta carta representa os acontecimentos da vida, com seus solavancos e imprecisões, simboliza os momentos decisivos nos quais nos vemos defrontados com a grandiosidade da vida. Os dois seres deformados presos na roda representam como um dia podemos estar por cima e no outro por baixo, representam que não existe escapatória da grande roda do destino.

Acima da roda está outro ser monstruoso, uma esfinge que segura de forma displicente uma espada em sua mão esquerda. Este ser, segundo Sallie Nichols, simboliza o arquétipo materno em sua forma mais negativa: a mãe super-protetora, o amor sufocante que não nos deixa sair. Sua espada indica que tem poder para agir, porém a forma e a mão com a qual a segura indicam que ela não usa esse poder de forma racional. Ela é a guardiã da roda, aquela que controla e mantém presos os seres que habitam a roda.

Outra referência muito usada para a releitura desta carta é a Roda da Fortuna do Tarô de Waite (anexo, fig 23). Esta carta apresenta a roda guardada pela esfinge de forma muito semelhante, porém a roda não é uma estrutura de madeira, é um círculo preenchido com as letras T A R O e alguns símbolos. Presos à roda estão uma serpente e um demônio. O grande diferencial desta carta são os quatro seres em volta da roda, um em cada canto da composição. São eles um anjo, uma águia, um boi e um leão, simbolizando respectivamente

ar, água, terra e fogo. Juntado tudo isso, podemos entender a roda como uma representação do destino, do mundo como um todo.

Na minha releitura (anexo, fig 24), muitos dos elementos do trunfo original foram abstraídos, mantendo apenas o significado mais amplo. A esfinge, visto que representa o lado negativo do arquétipo materno, é representada pela minha mãe. Ela aparece nesta carta com o cabelo bagunçado, maquiagem borrada, olhar frio sugerindo uma mãe controladora, austera e severa. Em suas mãos está um grande círculo, a Roda da Fortuna propriamente dita. Nesta roda não há seres presos diretamente a ela, quem está preso à roda é a humanidade como um todo. Dentro da roda desenhos à mão simbolizam com texturas os quatro elementos: terra, fogo, vento e água.

Nesta releitura, abstraí muitos dos elementos do trunfo original com a intenção de manter apenas o sentido mais amplo: não existe escapatória do destino, existem momentos em que seremos confrontados pela vida, e é preciso saber enfrentá-los. É uma carta em que, embora muitos dos detalhes e símbolos tenham sido perdidos, o sentido geral foi preservado: a intervenção do destino na jornada do herói.

2.12 A Força – 11

O trunfo de número onze é a Força, a mulher que doma o leão. No Tarô de Marselha (anexo, fig 25) ela aparece como uma mulher de expressão calma, serena. Veste azul sobre o corpo, indicando que pertence ao reino espiritual, é uma figura do subconsciente, seus braços vestem dourado e às suas costas uma capa vermelha. Aos seus pés está um leão sentado, domado pela mulher. O leão simboliza o lado instintivo do homem, o lado irracional, animal, presente em todo ser humano em maior ou menor escala. Essa mulher, que habita nossos sonhos mais profundos, simboliza o lado feminino, emocional do ser humano. Sobre sua cabeça está um grande chapéu, semelhante ao do Mago, cujas abas formam o símbolo da *lemniscata*, representando a constante renovação da energia.

Ao domar o leão, ela simboliza a necessidade do homem de aceitar seu lado instintivo, conhecê-lo e aprender a conviver com ele. Não se pode ignorar o lado animal, ou ele pode

explodir em um momento inesperado. Ao mesmo tempo não se pode dar liberdade demais, ou o leão pode ferir alguém. É preciso conhecer e aceitar o leão interior, é preciso aprender a se relacionar emocionalmente com ele. A mulher da Força simboliza esse processo pelo qual o herói passa de aprender a lidar consigo mesmo para se tornar uma pessoa melhor, mais equilibrada.

Na minha releitura (anexo, fig 26) a Força é uma jovem mulher, vestindo uma longa saia azul estilo hippie, que aparece em meio à natureza domando um grande cachorro. A natureza simboliza que ela é uma figura do inconsciente, representando o lado feminino do homem. O cachorro entra como substituto do leão, embora não seja uma fera agressiva e perigosa como este. O cachorro é um animal que age por impulso, faz o que quer e as vezes, por mais que não seja intencional, pode acabar machucando alguém, de forma muito semelhante ao ser humano quando é dominado por seu lado instintual. A fera interior do homem não perdeu sua força ao deixar de ser um leão para se tornar um cachorro, ela foi apenas adaptada para os dias atuais, o perigo de se deixar dominar pelo instinto ainda é o mesmo. A mulher hippie em meio à natureza simboliza a jornada do herói para domar sua fera interior, aprender a aceitar e lidar com seu lado instintivo. O chapéu em forma de lemniscata se transformou na própria *lemniscata* pairando sobre a cabeça da mulher, representando o constante fluxo das energias.

A Força inicia a fase de auto-conhecimento do herói, que agora se volta para dentro de si mesmo em sua busca pela individuação. Nos próximos trunfos do Reino da Realidade Terrena mergulharemos cada vez mais fundo no subconsciente do herói.

2.13 O Enforcado – 12

O trunfo de número doze é o enforcado. Ele aparece no Tarô de Marselha (anexo, fig 27) como um homem jovem pendurado pelos pés de cabeça para baixo. Ele olha diretamente para nós, sua expressão é serena e calma. Ele veste vermelho e azul, indicando que é tanto carne quanto espírito -- este arquétipo caminha entre os dois mundos. Ele está preso, imóvel, nessa situação da qual aparentemente não tem escapatória. Dos dois lados ele é cercado por galhos de árvores podados, o ponto do corte é vermelho como sangue.

De todos os animais, o ser humano é o único que tem consciência que um dia vai morrer. Essa consciência lhe permite lidar racionalmente com uma situação tão extrema como a do Enforcado. Assim como as árvores, que precisam ser podadas para poderem continuar crescendo, o homem pode optar por aceitar a situação em que está preso e, assim, transcendê-la. Pode enfrentar o seu destino e renascer mais forte, renovado, mais pleno. O Enforcado representa a natureza mostrando o seu lado negativo, seu lado hostil. Essa situação pode ser tanto do reino da carne quanto do reino do espírito, pois o Enforcado pode se manifestar nos dois mundos.

Na minha releitura (anexo, fig 28), o enforcado aparece como um homem jovem, a mesma expressão calma e serena do Enforcado de Marselha. Também veste vermelho e azul, indicando que pertence aos dois mundos. Este Enforcado, porém, não está preso a árvores, ele está de cabeça para baixo mas não está pendurado pelos pés. Uma forca de corda pende da parte de cima, passando por seu pescoço. Essa inversão cria um desconforto visual que aproxima o Enforcado do reino dos sonhos, reforçando o seu lado mais espiritual.

Após o grande fluxo de energias pelo qual o herói passou com a Força, o Enforcado pode ter chegado como um susto, um grande baque. O homem deve aprender a aceitar e conviver com seus problemas, tornando-se mais forte e mais pleno a partir deles.

2.14 A Morte – 13

O trunfo de número treze é a morte. No Tarô de Marselha (anexo, fig 29) ela aparece como uma caveira, assexuada, é o interior de todos nós. Ela segura uma grande foice ensanguentada, usada para mutilar os corpos, cujos membros estão espalhados pela grama. A morte, juntamente com o nascimento, são os dois pilares que sustentam a vida; sem a morte, de nada valeria a vida. O ser humano, sendo o único animal com a consciência de que um dia irá morrer, precisa aceitar a Morte e aprender a conviver com ela.

O número treze deste trunfo já é visto na cultura ocidental como um mal presságio, o número do azar. A Morte que chega agora na jornada do herói não necessariamente é uma morte carnal, pode se manifestar também no mundo espiritual. Os corpos mutilados espalhados pelo

chão são como os galhos podados das árvores, permitem o renascimento, a renovação, a transcendência.

Na minha releitura (anexo, fig 30) a personagem Morte tornou-se apenas um braço todo coberto de couro negro segurando uma grande foice. O esqueleto desapareceu, mas a Morte em si continua presente; os corpos caídos no chão, sangrando no enquadramento da fotografia, representam a mutilação. Os cortes no enquadramento, assim como na carta anterior, causam um desconforto visual que aproxima este trunfo do reino dos sonhos.

Não se deve temer a morte, é preciso aceitá-la como uma parte natural da vida, seja ela física ou espiritual. Após enfrentar a Morte, o herói precisa agora juntar seus pedaços mutilados e renascer. Seguir em sua jornada em busca da individuação. A Morte foi apenas mais uma fase, que lhe permite aprender e renascer mais forte, renovado.

2.15 A Temperança – 14

O trunfo de número quatorze é a Temperança, o anjo do subconsciente que regula as águas do destino. Após a destruição do herói pelo Enforcado e pela Morte, a Temperança vem para tornar possível a sua ressurreição. No baralho de Marselha (anexo, fig 31) a Temperança aparece como um anjo que desceu à terra para nos confrontar, suas grandes asas e seu terceiro olho no meio de sua testa simbolizam seus poderes sobrenaturais, a consciência expandida. O anjo da Temperança segura dois jarros, um vermelho e um azul, representando a dualidade espírito e carne. Ela passa água de um jarro para o outro de maneira sobrenatural, impossível para o homem comum.

A Temperança vem para balancear as águas da vida do herói, dando-lhe força para seguir em sua jornada. Marcando o fim do Reino da Realidade Terrena, a Temperança abre caminho para a terceira e última fileira: o Reino da Auto-Realização. O anjo coloca as águas da vida do herói para fluírem em uma nova direção. Sendo uma figura do reino espiritual, o anjo da Temperança nos dá um novo ímpeto para seguirmos em nossa jornada pela individuação.

Na minha releitura (anexo, fig 32), a Temperança aparece vestindo branco, suas asas desenhadas a aproximam do mundo dos sonhos. O terceiro olho desenhado em sua testa representa a consciência expandida dos anjos. Nas mãos ela tem duas garrafas, uma vermelha e uma azul, representando a dualidade. Ela derrama água das duas garrafas ao mesmo tempo em um copo, criando a temperança necessária para a renovação da vida. Ela está em meio à natureza, reforçando sua ligação com o mundo do inconsciente. De forma semelhante à Justiça, a Temperança busca o equilíbrio, não só do mundo dos homens, como também do mundo espiritual.

No Reino da Realidade Terrena, todas as cartas confrontam de alguma forma duas energias opostas. Os pratos da balança da Justiça, a mulher contra o leão na Força, os jarros da Temperança, todos buscam o equilíbrio e a harmonia de alguma forma. Ao fim da segunda sequência de cartas, o herói volta de sua jornada por seu subconsciente e se volta mais uma vez para o mundo exterior, em busca de sua realização. Sua jornada pela individuação já está perto do fim, mas ainda precisa enfrentar arquétipos poderosos, começado pelo trunfo de número quinze: o Diabo.

2.16 O Diabo – 15

O trunfo de número quinze é o Diabo, o senhor da tentação e do pecado. No Tarô de Marselha (anexo, fig 33) ele aparece como uma criatura monstruosa: seios de mulher, asas de morcego, chifres na cabeça, segura uma espada de forma displicente pela lâmina. O Diabo está em cima de um pedestal, elevado do plano terrestre, e controla seus dois lacaios pelas costas. Aos seus pés estão dois humanos endemoniados, aparentemente inconscientes de sua situação. Os lacaios, um masculino e outro feminino, possuem chifres e rabo, uma coleira os prende ao pedestal do Diabo.

O Diabo habita o reino do inconsciente, reside na tentação e no pecado. Atos inconscientes são, frequentemente, obra do Diabo. Se cedemos às suas tentações, podemos acabar como seus lacaios, sem nenhuma consciência de nossa servidão. Em algumas versões do Tarô, um pentagrama invertido, o símbolo do Diabo, aparece na carta, reforçando a identidade do personagem monstruoso retratado.

Na minha releitura (anexo, fig 34), a figura do Diabo foi abstraída, o foco da carta passou a ser seus dois lacaios, o homem e a mulher aos pés do Diabo, sendo controlados pelas costas, sem consciência da sua situação. Não vestem coleiras e nem ostentam chifres e rabos, sua ligação com o Diabo é pertencente ao reino do inconsciente. Eles aparecem nus, ajoelhados frente a uma figura toda de preto. A única coisa distinguível são suas mãos, controlando os lacaios como marionetes, e sua gravata vermelha, simbolizando a cor que é normalmente associada ao Diabo e ao inferno. A figura do Diabo rica em detalhes do Tarô de Marselha foi substituída por uma figura sombria, misteriosa, reforçando a característica do Diabo de agir pelas costas, pelo inconsciente. No centro óptico da imagem um pentagrama invertido vermelho confirma a identidade do Diabo.

O enquadramento fechado da fotografia causa uma sensação de sufocamento, claustrofobia, uma agonia relacionada à possessão demoníaca. O Diabo marca o início da terceira e última fileira do Tarô: o Reino da Auto-Realização. Ele marca o início da fase final da jornada do herói. Após enfrentar a Morte e renascer com a ajuda da Temperança, o herói precisa enfrentar o Diabo, com suas artimanhas e tentações, para poder seguir em sua jornada pela individuação.

2.17 A Torre – 16

O trunfo de número dezesseis é a Torre. No Tarô de Marselha (anexo, fig 35) ela aparece como uma grande torre sendo atingida por um raio divino, vindo dos céus. Duas pessoas caem dessa torre, destroços voam para todos os lados. No topo da Torre havia uma coroa, que foi arrancada pelo raio e arremessada para longe. As duas pessoas que caem da torre têm aparência andrógina, não se sabe se são homens ou mulheres. Elas representam a dualidade, talvez os dois lados de um mesmo ser humano. A Torre representa a filosofia, a ideologia através da qual os habitantes da Torre se cercaram e fecharam os olhos para todo o resto. O raio representa a intervenção divina, a quebra da Torre e o arrancamento da coroa é a quebra da ideologia atrás da qual os homens se esconderam e se tornaram ignorantes para todo o resto.

A destruição da Torre, à primeira vista tão radical e destrutiva, é um grande choque na jornada do herói. Porém, após cair no chão e lamber suas feridas, o herói pode se dar conta da forma como a torre o tornou ignorante para todo o resto. A destruição, que foi tão chocante a princípio, pode abrir os olhos do herói para sua própria ignorância de se fechar em seu próprio mundo. A destruição da Torre pode ser uma lição divina, o raio representa uma mensagem de Deus. A coroa arrancada simboliza a crença arrancada subitamente do herói, para que ele possa cair da torre e abrir os olhos para o mundo que o cerca, que vai muito além da pouca visão que as janelas da Torre lhe proporcionavam.

Na minha releitura (anexo, fig 36) a torre, o raio, a coroa, as faíscas, são todos desenhos à mão, indicando que a destruição acontece no reino espiritual, no subconsciente. O homem e a mulher no chão, arrancados da Torre, simbolizam os dois lados do herói, representando a dualidade. Com a destruição da Torre do herói, ele agora se recolhe para curar suas feridas e, no processo, abrir os olhos para o mundo à sua volta, para o qual ele tinha se fechado.

Após esse grande choque, o herói deve agora se recompor e prosseguir em sua jornada rumo à individuação. Com a destruição da Torre, ele deve aprender a lidar com a situação e tirar um aprendizado de sua ruína. O trunfo de número dezesseis simboliza essa intervenção destrutiva do destino naquilo que tínhamos como verdade absoluta. É preciso ver a destruição da Torre como uma oportunidade para aprender e perceber com novos olhos a vasta realidade que nos cerca.

2.18 A Estrela – 17

O trunfo de número dezessete é a Estrela. No Tarô de Marselha (anexo, fig 37) ela aparece como uma mulher nua ajoelhada à beira de um rio. Segura dois jarros vermelhos nas mãos e seu cabelo é azul. Ela derrama água dos dois jarros, de um sobre a terra e do outro de volta no rio. Atrás da mulher, vêm-se duas pequenas árvores, simbolizando a dualidade das figuras do inconsciente. No céu aparecem algumas estrelas: a Estrela principal no centro e sete outras estrelas menores que parecem dançar em volta da maior

A mulher Estrela é uma figura do subconsciente que, estando nua, interage sem limites com a natureza. Com seus jarros ela simboliza que não se pode reverter as águas do destino, mas é possível interagir com elas e desviá-las nas devidas proporções humanas. Após a destruição da Torre, a mulher Estrela vem para curar e dar novas energias para que o herói possa seguir em sua jornada. Com seus jarros ela mostra que é possível desviar em pequenas proporções as águas do destino. A mulher é uma representação do lado feminino do subconsciente do herói, o lado irracional e emocional que, nua, interage sem limitações com a natureza. Ela vem para renovar as energias e dar forças para que se possa continuar a jornada.

Na minha releitura (anexo, fig 38), de forma muito semelhante à carta original, a mulher estrela aparece nua, em meio à natureza, interagindo sem limitações com as águas do destino. Ela segura duas cumbucas de madeira, das quais derrama água na terra e no rio simultaneamente. Sua essência é exatamente igual à da carta original, a mulher representa uma figura do subconsciente que vem para trazer novas energias para o herói em sua jornada. A inserção das estrelas desenhadas na parte superior da carta reforçam o elo com a carta de Marselha.

Após a destruição da torre, a Estrela vem para curar e dar novo ímpeto para o herói em sua jornada. O trunfo número dezessete traz à luz novas figuras do inconsciente e da energia para o herói continuar sua jornada, que agora já está chegando próxima do fim.

2.19 A Lua – 18

O trunfo de número dezoito é a Lua. No Tarô de Marselha (anexo, fig 39) vemos um caminho a ser percorrido. Mais próximo de nós está um lago com uma grande lagosta no meio. Do outro lado do lago temos dois cachorros, um selvagem e outro domesticado, simbolizando os lados racional e irracional do homem. No horizonte é possível ver duas torres, marcando a entrada de uma nova cidade. No céu, observando tudo à distância, vemos a Lua, recolhendo os sonhos da humanidade durante a noite para devolvê-los pela manhã como esperanças renovadas.

Esta carta representa o caminho a ser traçado para se chegar à cidade no horizonte, uma nova expansão da consciência humana. A estrada pode conter perigos imprevisíveis, não se sabe se a lagosta vai nos atacar ou vai oferecer o dorso para o nosso passo. Também não se sabe se os cachorros são hostis, podem ou não nos atacar em nosso percurso.

Após a destruição da Torre e a recuperação das feridas com a Estrela, a Lua representa um novo caminho a ser percorrido. Esse caminho pode apresentar perigos ocultos, pode ser fácil ou pode não ser, mas independente disso, é preciso percorrê-lo para completar a jornada rumo à individuação. É preciso confiar na deusa Lua e seguir nosso caminho, por mais incerto que ele seja. Os portões da nova cidade já são visíveis no horizonte, cabe ao herói vencer seus medos e avançar na sua jornada, banhado pela luz do luar.

Na minha releitura (anexo, fig 40) muitos dos elementos da carta original foram abstraídos, mantendo apenas o sentido mais amplo da carta. A fotografia é mais um autorretrato. Eu apareço vestindo vermelho (simbolizando a carne) em meio a uma estrada escura. Nada além da escuridão e todos os perigos que ela pode ocultar é visível ao meu redor. No horizonte, duas grandes torres negras erguem-se no céu noturno, marcando a entrada da nova cidade e o meu destino na jornada. Entre as torres vê-se uma representação da deusa Lua que, pintada de azul, contrasta com o vermelho da minha camisa e cria a dualidade. Simboliza a jornada da carne rumo ao espírito, a jornada do herói rumo à sua individuação.

Nesta releitura eu, o herói do meu Tarô, volto a aparecer retratado na carta. Após enfrentar os arquétipos do Reino de Realidade Terrena e os perigos do Reino da Auto-Realização, o herói precisa agora continuar sua jornada.

2.20 O Sol – 19

O trunfo de número dezenove é o Sol. No Tarô de Marselha (anexo, fig 41) ele aparece como duas crianças, um menino e uma menina, brincando nuas à luz do Sol. As duas crianças representam a dualidade (menino X menina). Após a depressão da Torre e da Lua, o Sol vem como um novo dia, iluminando a terra e trazendo um novo dia, com novas esperanças e uma

nova consciência. Esta carta representa o reencontro com a criança interior de uma forma plena, após a formação do ego. O diálogo do consciente com a criança interior do inconsciente.

Entretanto, esse reencontro ainda não é pleno. Atrás das crianças pode-se ver um muro de tijolos que as limita, as prende em um recorte definido do mundo, do inconsciente. O herói ainda não alcançou completamente a sua individuação, reencontrou sua criança interior mas seu EU ainda não é pleno. O muro contendo as crianças e marcando o fim do jardim simboliza isso. Embora esteja perto do fim, a jornada do herói ainda perdura.

Na minha releitura (anexo, fig 42) as duas crianças tornaram-se um só menino. A dualidade é expressa por suas roupas, vermelho e azul contrastando a carne e o espírito. Ele brinca jogando bola no jardim em um dia de sol, como eu mesmo fiz inúmeras vezes durante a minha infância. Os pés descalços na grama simbolizam o reencontro do meu ego já formado com a minha criança interior, meu lado inconsciente. Esse reencontro, porém, ainda não é pleno. O muro no fundo simboliza isso, marcando o fim do jardim e os limites do diálogo com o meu inconsciente.

Após a depressão das cartas anteriores, o Sol traz um novo dia e uma nova consciência. Já muito perto do fim de sua jornada, o herói precisa ainda renascer antes de tornar-se pleno. Para isso, o herói ainda precisará enfrentar um último trunfo antes da plenitude: o Julgamento, trunfo de número vinte.

2.21 O Julgamento – 20

O trunfo de número vinte é o Julgamento. No Tarô de Marselha (anexo, fig 43) ele aparece como o herói nu, renascido de seu túmulo. Ao seu lado estão um homem e uma mulher, também nus, que olham para o herói renascendo e rezam em agradecimento. No céu vê-se um anjo tocando sua trombeta, a bandeira com a cruz dourada no centro simboliza que ele traz uma mensagem divina. O herói é o único que vê e se comunica diretamente com esse anjo. Esta carta representa o renascimento, o abrir de olhos para uma nova realidade da consciência, uma evolução da psiquê como um todo.

Após um longo período de depressão e regressão ao inconsciente, o herói agora renasce como um ser renovado e pleno, pronto para uma nova realidade da consciência que, além de trazer novas esperanças, traz consigo novos desafios. O Julgamento simboliza o renascimento da consciência, a evolução da psiquê, o passo final na jornada da individuação.

Na minha releitura (anexo, fig 44), mais uma vez um autorretrato, eu, o herói, apareço sentado nu na cama, como se tivesse acabado de acordar de um coma. Ajoelhados no pé da cama, dos meus dois lados, minha mãe e pai rezam em agradecimento por meu renascimento. Eu, entretanto, olho para cima, me comunico diretamente com o anjo do Julgamento, invisível para as outras pessoas. Sua trombeta, com a bandeira e a cruz, é visível na parte superior da carta.

Assim como no trunfo de Marselha, o Julgamento simboliza o renascimento do herói para uma nova realidade da consciência. Ele renasce agora como um ser pleno, sua jornada pela individuação está praticamente concluída. Ele abriu os olhos para uma evolução da sua psiquê como um todo.

2.22 O Mundo – 21

O último trunfo, de número vinte e um, é o Mundo. No Tarô de Marselha (anexo, fig 45) este trunfo aparece como uma mulher de características andróginas dançando em plena fluidez. A dança é a lei do universo, é a plenitude, é o poder para transcender. A dançarina no centro é a união de todos os opostos, é a plenitude da vida, é tudo em um, e esse um é tudo. É o Mundo.

A dançarina é rodeada por uma coroa de folhas que simboliza o próprio mundo, o infinito, o ciclo da vida. Nos quatro cantos aparecem os quatro seres: o anjo, a águia, o boi e o leão; simbolizando os quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Tudo nesta carta simboliza o Mundo, a plenitude, a completude do ciclo. É o fim da jornada do herói. Ele já renasceu evoluído e agora o mundo vem para ilustrar sua plenitude. O fim da jornada pela individuação. O fim do Reino da Auto-Realização e o fim da jornada do Tarô. O herói é agora pleno, seu consciente e inconsciente interagem em perfeita harmonia.

Na minha releitura (anexo, fig 46), o Mundo é uma mulher nua em sua dança de plenitude. O pano azul enrolado em seu corpo dá fluidez aos seus movimentos. Em volta dela, um ouroboros vermelho substituiu a coroa de folhas, mas ainda mantém o mesmo significado. O vermelho do ouroboros contrasta com o pano azul, unindo os opostos, carne e espírito agora são um só. As cores do pano e da coroa de folhas (ouroboros) foram invertidas em relação ao Tarô de Marselha, isto se deve ao fato de que, na minha interpretação, a mulher é o espírito, vivendo no interior do mundo da carne, simbolizado pelo ouroboros vermelho. Os quatro animais nos cantos, de forma semelhante à Roda da Fortuna, foram substituídos por texturas ilustrando os quatro elementos.

Tudo nesta carta simboliza a plenitude, o mundo como um todo. A perfeita interação entre carne e espírito, consciente e inconsciente. Todas as energias opostas são agora unidas em um só ser pleno. O herói do Tarô é agora mundo, é pleno, é um ser humano evoluído. Sua jornada chegou ao fim. Após sair para descobrir o mundo com o Carro e depois se voltar para dentro de si com a Temperança, o herói agora completa o ciclo e se torna um ser humano pleno. Se torna Mundo e o Mundo se torna ele.

3 CONCLUSÃO

Após enfrentar diversas situações, alegrias e adversidades, o herói retorna como um homem evoluído, tanto física quanto espiritualmente. A jornada do herói do Tarô é longa e difícil, marcada por diversos arquétipos, bons e ruins. Segundo Joseph Campbell, em sua obra O Herói de Mil Faces, o herói é aquele que sai em sua jornada (seja ela física ou espiritual), enfrenta desafios de natureza diversa, e retorna mudado, evoluído de alguma forma.

O objetivo deste trabalho é trazer para os dias de hoje, em um contexto da minha vida pessoal, a história contada pelo Tarô de Marselha. Absorver os significados dos trunfos clássicos e recriá-los, com base nas vivências que permeiam uma psicosfera individual que por sua vez dialoga com um contexto de uma sociosfera específica. As idéias, mitos e sonhos, habitantes da noosfera, se atualizam e se adaptam de acordo com as mudanças na sociosfera, a evolução da sociedade como um todo, assim como se dá no âmbito da psicosfera, em uma escala mais pessoal.

Assim como o herói do Tarô, enfrentei todo tipo de adversidades na concepção deste trabalho. Acredito que ao me retratar nas cartas como o herói em sua jornada, vivi paralelamente a minha própria jornada de herói. Finalizo agora minha graduação, terminando um grande ciclo da minha vida e, ao mesmo tempo, dando início a outra grande jornada. O conhecimento do Tarô e seus arquétipos me auxiliará nesta nova jornada, como ser humano e como publicitário. No presente momento, o trunfo número sete, o Carro, parece me definir muito bem: é hora de sair pelo mundo, conhecer outros lugares e, conseqüentemente, conhecer a mim mesmo. É hora de sair em minha própria jornada da individuação.

REFERÊNCIAS

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô: Uma jornada arquetípica.** (São Paulo, Cultrix 1988)

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.**
(Europa-América 1991)

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces.** (São Paulo, Cultrix 1949)

JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos.** (Nova Fronteira, 1964)

FABRIS, Annateresa. **Teatro das Aparências.** (2004)

MORIN, Edgar. **O Método IV** (Sulina, 2008)

Sites Consultados

www.clubedotaro.com.br

ANEXOS



Fig 1

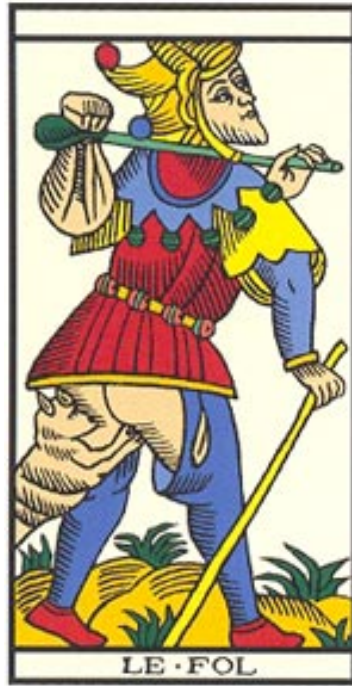


Fig 2



Fig 3



Fig 4

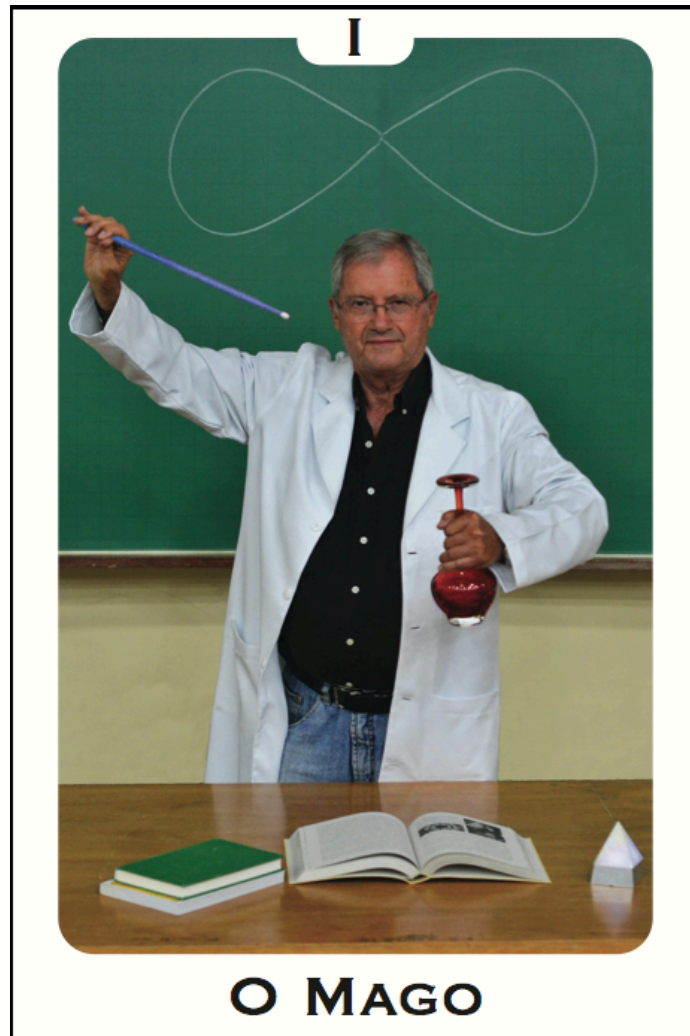


Fig 5



Fig 6



Fig 7



Fig 8



Fig 9



Fig 10



Fig 11



Fig 12



Fig 13



Fig 14

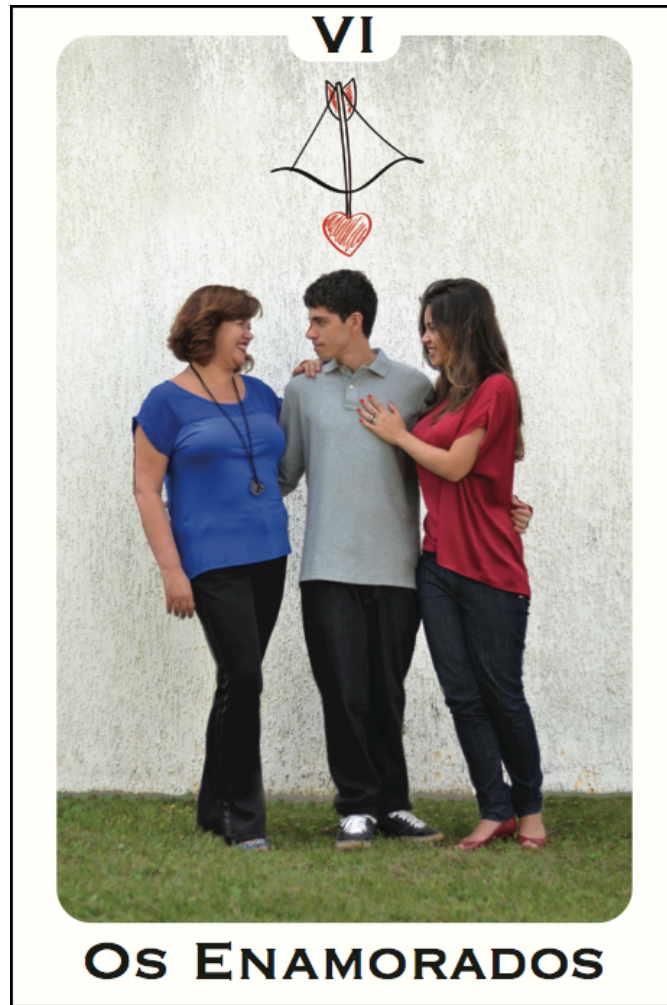


Fig 15



Fig 16



Fig 17



Fig 18



Fig 19

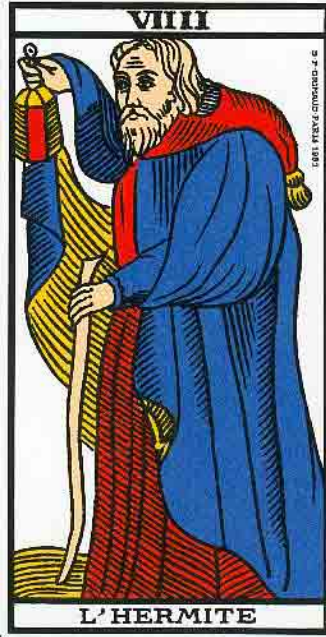


Fig 20

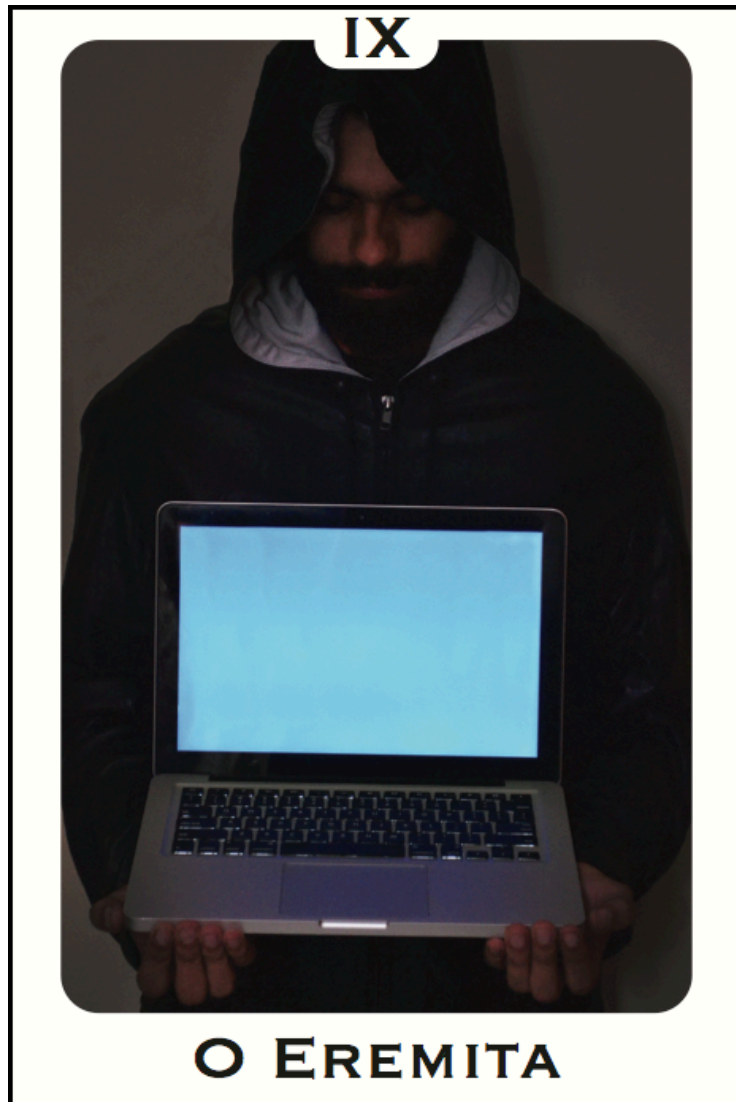


Fig 21



Fig 22



Fig 23



Fig 24



Fig 25



Fig 26



Fig 27



Fig 28

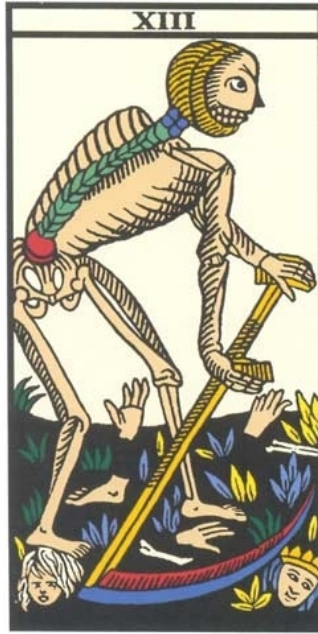


Fig 29

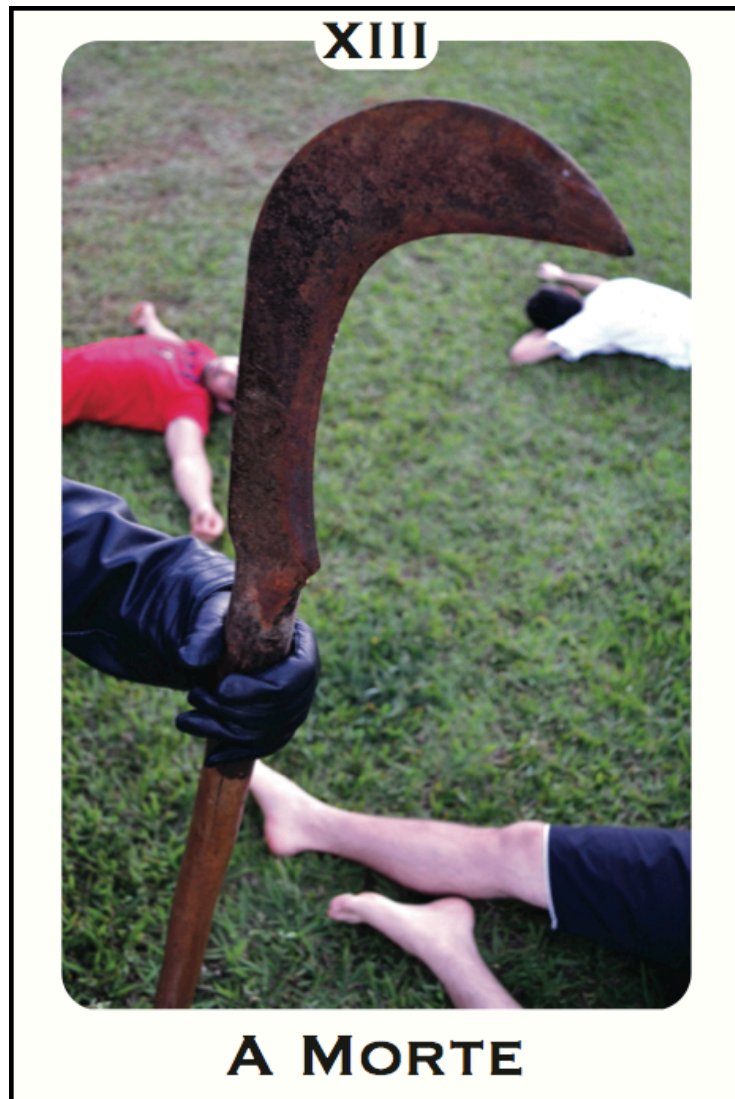


Fig 30



Fig 31



Fig 32

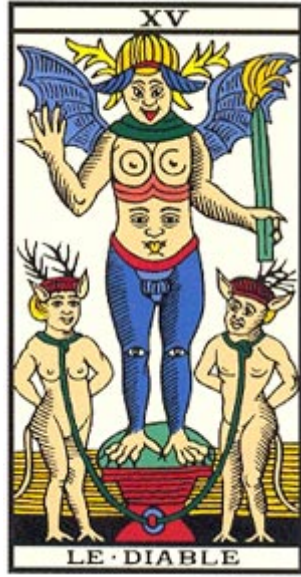


Fig 33



Fig34



Fig 35



Fig 36



Fig 37



Fig 38



Fig 39



Fig 40



Fig 41



Fig 42



Fig 43

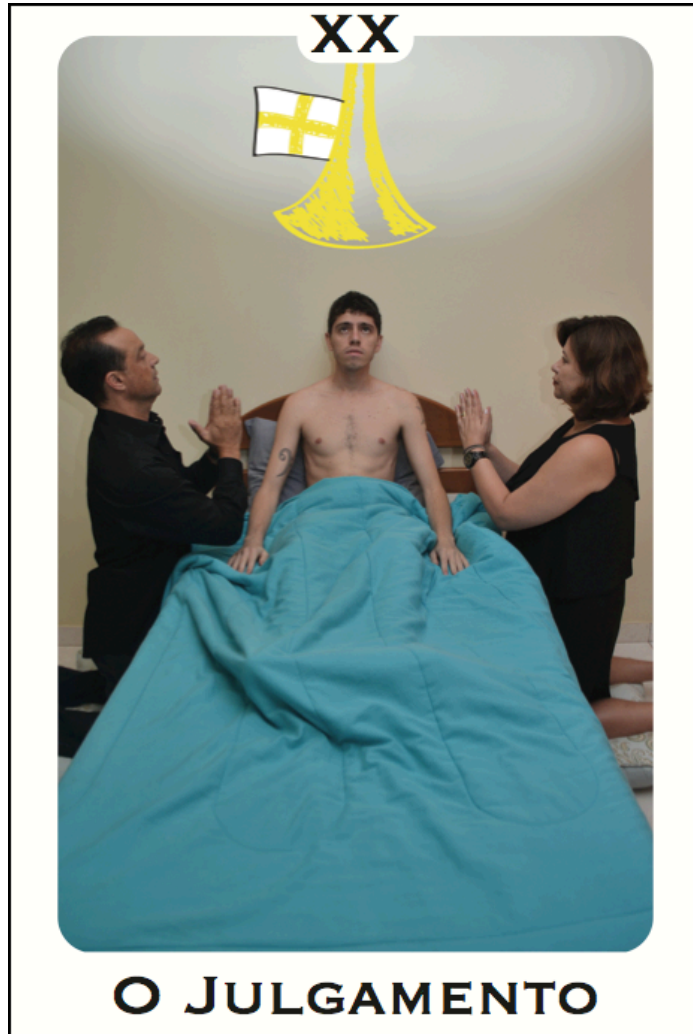


Fig 44



Fig 45



Fig 46